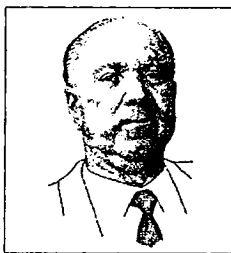


O canastrão e o falso brilhante



Lula caiu no folclore. E semelhanças de Ciro com Collor não são mera coincidência

O desempenho de Lula no programa *Roda Viva*, da TV Cultura (4/10/99), foi de dar dó. Todos se lembram do Lula da fase heróica, quando surgiu como líder metalúrgico no ABC, ainda ao tempo da ditadura militar, corajoso, palavra segura, brilhante polemista em nada prejudicado pela

falta de escolaridade e pelo mau português. Impressionava vivamente boa parte da burguesia e dos formadores de opinião.

Hoje, dá pena ver e ouvir Lula. Sua imagem mudou, só sua linguagem continua a mesma. Lula aburguesou-se, perdeu os caracteres distintivos de sua classe, a condição de oprimido, de quem está "do outro lado", junto aos humilhados e ofendidos da sociedade capitalista. De terno e gravata, barba bem aparada, o cabelo assentado, recém-chegado de Paris, lembra mais um executivo ou sócio de empresa do que o antigo metalúrgico em seu honrado macacão. Pois, então, ele não tem direito de usar terno e gravata? Claro que sim. O mal não está no terno e gravata, e sim na caracterização interna do personagem, que mudou totalmente. Ao início, Lula era uma personalidade que se impunha e convencia pela sinceridade sem sombra de malícia, comovia pela carência de recursos de toda espécie, pela invulgar capacidade de desafio. Hoje, o antigo líder carismático burocratizou-se, deu lugar ao "político". Sente-se que, agora, Lula representa um "papel" imposto pelo

partido: o ventríloquo de uma esquerda desgastada, um "incluído" que insiste em posar como representante dos excluídos.

Mas o pior são suas palavras. Continua repetindo as mesmas coisas, a eterna cantilena do bode expiatório, com acusações às "elites", ao FMI, a Fernando Henrique ("o pior presidente de todos os tempos"). "Para mim, Malan é um infiltrado do FMI." Denunciou um intrigante conluio entre FHC e os donos de jornal nas últimas eleições. "A dívida mais importante é a social." Repetiu-se à exaustão, exagerou, descambou, meteu os pés pelas mãos. Caiu no folclore. Deixou de ser levado a sério pelos entrevistadores, a coisa mais grave que pode acontecer com um político.

No mesmo programa, semanas antes, Ciro Gomes situou-se em pólo oposto. Nenhum político brasileiro sabe tirar tanto proveito da televisão como Ciro Gomes. É onde mora o perigo. Responde firme às questões mais embaraçosas, de bate-pronto, olho no olho. Passa impressão de resolução, vivacidade de espírito e rapidez de decisão, tudo o que o público adora no governante. Profissionais de peso experientes como Márcio Moreira Alves e Dora Kramer ficaram-se em suspenso, subjugados pela intensa capacidade de comunicação e afiada dialética do entrevistado.

De que Ciro Gomes é político muito bem articulado ninguém duvida. Resta saber se o seu programa é tão bem articulado quanto ele.

Seu propósito é ambicioso. Propõe a união, sob um denominador comum, dos milhões de brasileiros malsatisfeitos ou revoltados com o governo de Fernando Henrique. Também sataniza FHC (o que não é bom). E mais: pretende fornecer às oposições, todas elas balbuciantes e mal articuladas, o argumento que lhes falta, a alternativa de governo que não sabem articular. Na esteira da social-democracia, Ciro se apresenta como um candidato da centro-esquerda, em oposição frontal a essa besta-negra mais imaginária do que real, que atende pelo nome de *neoliberalismo*.

A fragilidade dessa proposta reside, em primeiro lugar, na sua inabilidade estratégica, motivada pelo excesso de confiança em si mesmo desse cearense de Pindamonhagaba. Entende que, para sua vitória eleitoral, lhe basta a aliança com os grupos de esquerda. Ora, os insatisfeitos com FHC não se situam somente na esquerda ou na centro-esquerda. Intolerante e radical, Ciro torce o nariz para a direita e a centro-direita, excluindo-as, terminantemente, do seu esquema. Ora, todos sabem que o PFL não dorme de touca. E que as bancadas ruralista e evangélica ganham espaço no Congresso, podendo atrapalhar os planos do candidato do PPS, se eleito.

A liderança política disposta a captar o apoio maciço dos brasileiros na próxima eleição, em 2002, teria de propor não uma estreita aliança das esquerdas, e sim a mais ampla união entre todas e as mais contraditórias forças políticas vigentes, sem intolerância nem discriminação. Não vai demorar a surgir esse candidato mais flexível, mais jovial e perspicaz, propondo esse amplo arco de aliança, sem

exclusão de ninguém; o líder que soma, não o que divide. E nessa hora Ciro ficará em desvantagem.

Em segundo lugar, a fragilidade se trai no inveterado populismo e autoritarismo de sua alternativa política. Qualquer semelhança com Collor não é mera coincidência. Como já foi bem observado pelo jornalista José Márcio Mendonça, do *JT*, Ciro insiste em que, uma vez eleito, vai apelar para as "pressões diretas" da população sobre o Congresso. "Pressões diretas"? Isso lembra "ação direta" (sem o Parlamento, sem o Judiciário e as instâncias intermediárias) do socialismo selvagem e do fascismo. Lembra um filme já visto e revisto, protagonizado por conhecidos canastrões como Jânio, Collor, Fujimori e o coronel Chávez. Basta o MST para fazer pressão direta.

E como fica a mal explicada questão da "renegociação consentida" da dívida interna? Ciro fica uma fera quando se diz que isso é calote. Mas – indaga J. M. Mendonça – "como renegociar se os verdadeiros credores do governo são alguns milhões de brasileiros? Haverá reuniões no Morumbi, no Maracanã, no Mineirão para que cada um diga se aceita os termos da 'renegociação' proposta?" (*JT*, 3/10/99).

E que dizer do guru de Ciro Gomes? Este sofre de apoteose mental. Mangabeira Unger é um acadêmico de Harvard, que pensa que é brasileiro e quer ser o novo Antônio Conselheiro.

Em suma, se o líder da velha esquerda, o PT, não passa hoje de um canastrão, o guia emergente da nova esquerda pode não ser mais do que o falso brilhante.